



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DLI

MARIA JOSÉ GÓIS

**A FIGURA DA MULHER NORDESTINA NO ROMANCE *GABRIELA
CRAVO E CANELA*, DE JORGE AMADO**

ITABAIANA-SE

2018

MARIA JOSÉ GÓIS

**A FIGURA DA MULHER NORDESTINA NO ROMANCE *GABRIELA
CRAVO E CANELA*, DE JORGE AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito final à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vilma Quintela.

ITABAIANA-SE

2018

AVALIAÇÃO PARA ASSINATURA DA BANCA

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a DR.^a VILMA MOTA QUINTELA

ORIENTADORA

PROF.^a DR.^a ADRIANA SACRAMENTO

AVALIADORA

RESUMO

Cabe aqui ressaltar a representação das diversas faces femininas no romance *Gabriela, cravo e canela*, do escritor baiano Jorge Amado, situado no contexto social do Nordeste brasileiro, mais especificamente, na cidade de Ilhéus, litoral da Bahia, na década de 20. A submissão da mulher, a sua falta de liberdade de expressão tem sido um dos temas privilegiados na literatura, quase sempre ilustrada pelo olhar dos homens, a exemplo do romance que escolhemos como *corpus* do presente trabalho. Nessa obra de ficção, publicada em 1958, temos como principais personagens Malvina, Glória e Gabriela, sendo, a última, a nossa personagem protagonista, identificada, no romance, por características extremamente opostas ao que se esperava das mulheres viventes naquele cenário ilustrado por Jorge Amado. Este estudo teve como principais referenciais teóricos, Antônio Cândido [ET AL], 2007, *A Personagem de Ficção*, Roberto da Mota [ET AL], Jorge Amado KM 70, 1983.

PALAVRAS-CHAVE: *Gabriela, Cravo e Canela*. Representações da mulher. Estudo da Personagem Feminina.

ABSTRACT

It is worth emphasizing the representation of the different female faces in the novel *Gabriela, clove and cinnamon*, of the Bahian writer Jorge Amado, located in the social context of the Brazilian Northeast, more specifically, in the city of Ilhéus, Bahia coast, of women, their lack of freedom of expression has been one of the privileged themes in literature, almost always illustrated by the gaze of men, like the novel we chose as the corpus of the present work. In this work of fiction, published in 1958, we have as main characters Malvina, Glória and Gabriela, the last being our protagonist character, identified in the novel, by characteristics extremely opposite to what was expected of the women living in that scenario illustrated by Jorge Amado. This study had as main theoretical references, Antônio Cândido [ET AL], 2007, *The Character of Fiction*, Roberto da Mota [ET AL], Jorge Amado 1983, 1987.

KEY WORDS: Gabriela, Cravo and Cinnamon. Representations of woman. Female Character Study.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1- A PERSONAGEM DE FICÇÃO.....	9
2- A PERSONAGEM NO ROMANCE DE JORGE AMADO.....	13
2.1 Realidade e ficção em <i>Gabriela cravo e canela</i>	13
2.2 Jorge Amado, seu tempo e sua obra.....	14
2.3 A Mulher na Ilhéus de Jorge Amado.....	16
2.3.1 A Esposa e a filha.....	18
2.3.2. As Raparigas.....	21
2.3.3. As Solteironas.....	22
2.3.4. A Empregada.....	23
3- <i>GABRIELA, CRAVO E CANELA</i> : CONFIGURAÇÃO ROMANESCA.....	24
4-ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	26
4.1 Malvina, Glória e Gabriela: três perfis de mulher.....	26
4.1.1- Malvina: forte e sonhadora.....	26
4.1.2- Glória: chamativa, ousada e atraente.....	29
4.1.3- Gabriela: a mulata da cor do pecado.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a figura da mulher na sociedade pós-colonial, tal como é representada no romance *Gabriela cravo e canela*, de Jorge Amado, publicado pela primeira vez em 1958. Trata-se aqui de verificar, no romance em questão, as atribuições dadas às diferentes figuras femininas, inseridas em uma sociedade patriarcal que ordena os comportamentos femininos, por meio de repressões, códigos de honra, agressão e perseguição. Nesse romance, fica configurado que, na sociedade em questão, o fundamento justificador desses atos era a ideia da superioridade do homem e, conseqüentemente, de que cabia a ele exercer, sobre a mulher, a autoridade.

Nesse contexto, discutimos sobre a sensualidade, prostituição, vigilância e o determinismo como temas relacionados à representação da figura da mulher no romance em questão. A sensualidade está presente na personagem Gabriela que, com o seu jeito de menina, despertava desejos por onde passava. A prostituição identifica a personagem Glória, que vendia o corpo como uma forma de subsistência. Por sua vez, a vigilância é um tema associado à Malvina, que vivia em confronto com a autoridade do pai. E o determinismo, por sua vez, estava presentes nas três personagens que pretendiam alcançar a liberdade coibida pela sociedade machista. Em suma, partindo de uma análise de Gabriela e das outras personagens femininas do romance, vamos refletir sobre a figura da mulher e seu comportamento no âmbito social configurado no romance de Jorge Amado.

Para o desenvolvimento do presente trabalho de pesquisa, se fez necessária a leitura de um diversificado material teórico, que inclui estudos de Mary Del Priore, Antônio Cândido, Elódia Xavier, Jorge Amado, Ibaré Dantas, José Hildebrando, que deram suporte à reflexão aqui realizada sobre a representação da mulher, em especial, da mulher nordestina, no romance.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: de início, apresentamos uma breve introdução sobre a figura da mulher nordestina, mais adiante, abordaremos o tema da personagem de ficção, a partir dos estudos realizados por Antônio Candido e Anatol Rosenfeld (CANDIDO, 1968), para compreender melhor as personagens do romance *Gabriela, cravo e canela*, do ponto de vista literário; em seguida, iremos

salientar aspectos referentes ao romance analisado e à biografia do Jorge Amado, apontados nos estudos de Roberto da Matta, Maria do Carmo P. Pandolfo, Affonso Romano de Sant'anna, Ilana Strozemberg, reunidos no livro *Jorge Amado, Km 70* (1983). Depois disso, faremos um breve comentário sobre o estatuto da mulher na Ilhéus de Jorge Amado, separando-as, pois, em quatro categorias, a saber: as mulheres de família (a esposa e a filha), as raparigas, as solteironas e a empregada. Serão enfatizadas aqui as características das personagens Malvina, Glória e Gabriela. A primeira possui os atributos de uma mulher sonhadora e intelectual; a segunda, da mulher que se adentrou no lado obscuro da sociedade, isto é, na prostituição, porém apresenta traços ousados e atrativos aos homens que a rodeiam; já a terceira, a nossa protagonista Gabriela, é uma retirante que fugiu da seca do sertão em busca de oportunidades, de uma nova vida na cidade grande. Essa última desperta a cobiça dos homens, mas mantém seus casos em sigilo, ao contrário da personagem Glória, que era vista como “mulher da vida” naquele meio social. Para essa análise, em especial, foram importantes os estudos: *História das mulheres no Brasil*, de Mary Del Priore (1997), e *Que corpo é esse*, de Elódia Xavier (1997).

1. A PERSONAGEM DE FICÇÃO

Na obra literária, as personagens constituem um plano imaginário. Sendo assim, por não terem a liberdade dos seres reais, necessitam da atividade concreta e atualizadora de um criador, que segundo Rosenfeld, se disponibiliza, antes de mais nada, dos recursos da língua, isto é:

dos fonemas e das configurações sonoras (orações), “percebidas” apenas pelo ouvinte interior, quando se lê o texto, mas diretamente dadas quando o texto é recitado; (...) das unidades significativas de vários graus, constituídas pelas orações; graças a estas unidades, são (projetadas através de determinadas operações lógicas, “contextos objectuais” (Sachverhalte), isto é, certas relações atribuídas aos objetos e suas qualidades (“a rosa é vermelha”; “da flor emana um perfume”; “a roda gira”). Êstes contextos objectuais determinam as “objectualidades”, por exemplo, as teses de uma obra científica ou o mundo imaginário de um poema ou romance. (CÂNDIDO, 2007, p.13)

Percebe-se que, num dado contexto ficcional, o objetivo da obra é constituído de planos intermediários e certos aspectos de organização. Portanto, na construção de um texto fictício é importante seleccionar as ideias, já que, concretizada, ela levará o leitor a usar a imaginação. Para se ter uma ideia, numa peça de teatro e no cinema, é impossível usar a imaginação para a caracterização física das personagens, pois essas nos são apresentadas de modo concreto. Já, numa obra de ficção, os aspectos psíquicos, a fisionomia e a voz, nos são dados sem necessidade de recorrer às características físicas ou corporais das personagens. Na obra literária, como nota Rosenfeld, o carácter fictício não depende de critério de valor, mas de termos significativos (CÂNDIDO, 2007. P, 29)

Na obra científica, por exemplo, busca-se esclarecer ideias e deixar claro os propósitos da reflexão empreendida, enquanto a obra literária não se define pela objetividade, ou seja, sua realidade não é empírica, mas realidade provável, um mundo imaginário vivido por personagens fictícias. Para Rosenfeld, a personagem é a principal responsável pela nitidez patente que constitui a ficção; é por meio dela que a camada imaginária se constitui mais densa e se cristaliza. No que se refere à diferença entre pessoa e personagem, o autor diferencia as pessoas reais, totalmente determinadas, pela presença de qualidades concretas, adaptadas a um infinito de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognoscitivas especiais, características que se referem em particular a seres humanos. Por sua vez, a

personagem literária é caracterizada por fazer parte de um mundo de transformação do que o mundo empírico é organizado, tanto no sentido físico como psíquico.

A estética para Rosenfeld é importante tanto para reconhecimento como para a valorização da obra. Dessa forma, a narrativa se torna importante para a constituição da estética na obra ficcional. No que diz respeito à estética, a personagem apresenta papel importante na construção da obra, pois ela relata história da vida dos seres humanos, vivendo situações reais de um modo exemplar. Do mesmo modo, como os seres humanos, as personagens se encontram, interligadas em um grande emaranhado de valores intelectuais, religiosos, morais e político-sociais. Dessa forma, ao prestigiar uma obra literária, o leitor se depara com a representação da realidade fictícia, que, durante a leitura, passa a ser vista como uma realidade real.

É perceptiva, na leitura de um romance, a imagem de uma série de fatos, dentro do enredo, e de personagens que vivem esses fatos. É uma imagem difícil de desfazer, quando pensamos no enredo queremos saber da personagem, onde vivem, quais são os problemas enfrentados no enredo, como vai ser traçada a história num determinado ambiente. No entanto, é a personagem que dá vida ao enredo, e os dois estão ligados aos objetivos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. Para Cândido, nunca se deve expor ideias, a não ser em função dos temperamentos e dos caracteres. Sendo assim, a palavra ideia será sinônimo dos mencionados valores e significados e terá uma demonstração do que foi dito. É evidente que, no romance, o enredo e a personagem apresentam a sua matéria e as ideias apresentam o significado, e que os três são indispensáveis na elaboração da personagem, que representa a possibilidade de junção afetiva e intelectual com o leitor, pelos processos de identificação, projeção e transferência. Portanto, para Cândido, a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos. Podemos perceber isso, claramente, no anúncio de Gide: “Tento enrolar os fios variados do enredo e a complexidade dos meus pensamentos em torno destas pequenas bobinas vivas que são cada uma das minhas personagens” (CÂNDIDO, 2007. P. 54). Para o autor, a personagem é o que tem de mais vivo no romance, no entanto, para uma boa leitura, é importante o pacto ficcional entre a obra e o leitor. A personagem é o elemento mais atuante e comunicativo da arte novelística moderna, isto é, do século XVIII ao começo do século XX, possuindo significado no contexto, mas a organização é a maior responsável pela força e qualidade do romance.

Sendo assim, considerando-se o que dizem Rosenfeld e Antônio Cândido, fica evidente que a personagem é um ser fictício, que nos é apresentado como um ser de verdade existencial. O romance se baseia numa relação entre o ser vivo e o ser fictício, que é manifestada através da personagem e que a concretiza. Sendo assim, há, no romance, relação de afinidades e diferenças essenciais entre o ser real e o ser fictício, na personagem Gabriela e Glória, e que ambas são importantes para criar o sentimento de verdade e harmonia no romance.

Quando abordamos o conhecimento direto das pessoas, um dos dados fundamentais do problema é o contraste entre a continuidade relativa da percepção física (em que fundamos o nosso conhecimento) e a descontinuidade da percepção, digamos, espiritual, que parece frequentemente romper a unidade antes apreendida. No ser uno que a vista ou o contato nos apresenta, a convivência espiritual mostra uma variedade de modos-de-ser, de qualidades por vezes contraditórias (CÂNDIDO, 2007, p. 55).

No trecho acima, Cândido deixa claro que fazemos várias interpretações e não somos capazes de compreender a personalidade do outro da mesma maneira que compreendemos sua figura externa. Talvez essa diferença seja de natureza dos próprios objetos. Julgamos que nos referimos a um conhecimento de domínio finito, que coincide com a superfície do corpo. Contudo, existe o domínio infinito que oculta a sua exploração de qualquer sentido e não pode ser aprendida numa integridade que não possui.

Quando o autor elabora um ser por outro ser, a imagem vai estar sempre incompleta, em relação à percepção física e o conhecimento; esses vão sempre vir em pedaços. Esta imagem se acentua quando procuramos dados do ser em uma conversa, alguns atos, uma afirmação ou mesmo uma informação. Mesmo com essas informações não será suficiente para conhecê-lo, pois o permitido é um conhecimento mais ou menos adequado da nossa conduta, com base do outro ser, tendo uma noção conjunta e coerente deste ser. Para Cândido, os seres são, por sua natureza, misteriosos e inesperados. Devido a esse fato, a psicologia moderna vem estudando as noções subconsciente e inconsciente, o que há em comum nas pessoas que julgamos conhecer. Para literatura moderna, esta constatação é de grande importância. No romance, as personagens, ao contrário das pessoas reais, que nos aparecem fragmentadas, são criadas, estabelecidas e dirigidas pelo escritor, que a determina e encerra, numa organização. O contexto onde ela é inserida nos permite formar uma ideia completa, suficiente e convincente da criação fictícia.

Em seus estudos, Forster (CÂNDIDO, 2007. Pag.62-63) “distingue duas categorias opostas de personagens: a “personagem plana” e a “personagem esférica”, sendo que, na personagem plana, a forma é construída em torno de uma única ideia ou qualidade e, facilmente conhecível quando surge, também será lembrada pelo leitor, é o caso de Gabriela. Já a personagem esférica possui maior complexidade psicológica, dando a impressão de que é viva, podemos perceber em Malvina.

Forster também estabelece uma distinção entre a personagem de ficção e a pessoa viva, numa comparação entre *Homo fictus* e o *Homo sapiens*:

O *Homo fictus* é e não é equivalente ao *Homo sapiens*, pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, mas numa proporção diferente e conforme avaliação também diferente. Come e dorme pouco, por exemplo; mas vive muito mais intensamente certas relações humanas, sobretudo as amorosas. (CÂNDIDO, 2007. p, 63).

Percebe-se o que o romance nos leva para dentro da personagem, enquanto só conseguimos enxergar o nosso próximo pelo exterior. Uma das funções da ficção é a de dar um conhecimento mais completo, mais lógico, dos fatos decepcionantes que vivemos. As personagens fictícias devem dar a impressão de que vivem; devem lembrar um ser vivo para manter relação com a realidade do mundo, participando de ação e de sensibilidade que pode conceder a vida. Quando o autor toma um conhecimento da realidade, ele sempre acrescenta, no plano psicológico, algo desconhecido da pessoa, ou seja, é obrigado a construir algo diferente que não corresponde à pessoa viva. Logo, há um limite na sua criação, ou seja, a imaginação do autor não é totalmente livre, pois se subordina à lei da verossimilhança. Quando pegamos um romance para ler, logo, dizemos que um fato, um ato, um pensamento, não são verdadeiros, que na vida seria impossível ocorrer coisa semelhante, mas na vida real, praticamente tudo é possível; no romance, a lógica da estrutura impõe limite, pois a personagem não é totalmente livre. O entrosamento é fundamental na construção da personagem, porque a verdade da sua aparência e do seu modo de ser é fruto da análise do seu ser isolado que liga sua existência no contexto. Portanto, cada linha adquire sentido em função de outro, de maneira que a harmonia, o sentimento da realidade, depende da aparência da união do trecho extraído pela organização do contexto.

2. A PERSONAGEM NO ROMANCE DE JORGE AMADO

2.1- Realidade e ficção em *Gabriela cravo e canela*

Por se tratar de uma obra de Jorge Amado, não é fácil identificar onde começa a ficção e quando termina a realidade. Isso também se aplica a *Gabriela cravo e canela*, romance situado na cidade de Ilhéus, onde o autor passou sua infância e parte de sua juventude. Antigamente, no centro da praça, encontrava-se o Bar Vesúvio, onde hoje está localizada uma estátua em homenagem ao maior romancista baiano, Jorge Amado.

O escritor baiano, reconhecido como um dos expoentes do modernismo regionalista de 30, retrata o desenvolvimento econômico-industrial de Ilhéus que foi proporcionado pela valorização do cacau, base da economia da época. A cidade de Ilhéus estava em franco processo de desenvolvimento e transformação. O progresso, impulsionado pelo comércio do cacau, era uma das expressões mais difundidas pelas ruas de Ilhéus. Sua fisionomia estava a se modificar rapidamente, graças à exportação do cacau e à chegada de imigrantes. O autor trazia para a ficção a realidade da sua terra, a Bahia. Denunciava, em sua obra, a opressão do trabalhador rural e das classes populares, o coronelismo latifundiário, o patriarcalismo, entre outros problemas que assolavam o Nordeste do Brasil. Na obra trabalhada, podemos observar a projeção da cidade, que é um cenário recorrente de sua obra, o autor retratou a vida, os costumes e a identidade da região. Logo, podemos observar na primeira parte do romance, as definições feitas pelo autor.

Aventuras e desventuras de um bom brasileiro (nascido na Síria) na cidade de Ilhéus, em 1925, quando florescia o cacau e imperava o progresso- com amores, assassinatos, banquetes, presépios, historias variadas para todos os gostos, um remoto passado glorioso de nobres soberbos e salafrários, um recente passado de fazendeiros ricos e afamados jagunços, com solidão e suspiros, desejos, vingança, ódio, com chuvas e sol e com luar, leis inflexíveis, manobras políticas, o apaixonante caso da barra, com prestigiadores, dançarinas, milagres e outras mágicas (AMADO, 1975, p.11).

Portanto, o enredo, a personagem e as ideias faz o escritor tratar suas personagens como se elas tivessem vida própria e, de certa forma, têm, pois se tornaram figuras bem definidas, aceitas e criadas na realidade do cacau. Logo, podemos notar que o romance relata uma série de fatos, organizados em um enredo, e de personagens que vivem esses fatos. De acordo com o que já foi mencionado, o enredo existe através das personagens,

e as personagens vivem no enredo e ambos estão ligados aos intuídos do romance, a visão da vida que decorre dele, aos significados e aos valores que o animam, ou seja, às ideias. Para Rosenfeld, “a ficção como indicadora mais manifesta da ficção é por isso bem mais marcante a função da personagem na literatura narrativa (épica)” (CÂNDIDO, 1968.pag, 23). Portanto, a personagem é o que dá vida ao romance, e a leitura do romance depende da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Isso posto, partindo dessas considerações, passamos, a seguir, a uma reflexão sobre os perfis femininos em destaque no romance em estudo. Antes, porém, vale um breve comentário sobre o seu autor, o escritor Jorge Amado, e seu tempo, no sentido de contextualizar, historicamente, sua obra, destacando aspectos que contribuem a um melhor entendimento de sua produção à luz da história literária.

2.2. Jorge Amado, seu tempo e sua obra

Nascido no dia 10 de agosto de 1912, na cidade de Itabuna, interior da Bahia, Jorge Amado estudou em escola de regime interno, nessa época começou a sua carreira com a criação do jornalzinho *A Lunetas* e os Jornalístico *A Pátria* e *A Folha*, do grêmio estudantil. Ainda estudando, mas dessa vez em regime de externato, Jorge começou a trabalhar como repórter no Diário da Bahia, ainda nessa época recebeu a titulação no candomblé. Em 1931, foi aprovado na Faculdade de Direito na Universidade do Rio de Janeiro, época que foi publicado seu primeiro romance, *O país do Carnaval*, em que o Brasil era com a raiva e desconforto de quem, recém-chegado de uma Europa de cultura e nacionalidade, se reencontrava cidadão de um país infantil e gigantesco, primitiva e irracionalidade.

A partir de 1932, surge o romance conhecido como “ciclo do cacau”, tratava da ética realista. Em 1942, aos trinta anos, o escritor baiano é conhecido internacionalmente. Seus livros, aos quais nesse tempo se juntaram, em *Suor*, *Jubiabá*, *Mar Morto* e, em 1937, surge *Capitães de Areia*, o autor começa a dar a volta ao mundo, privilegiando os países do Leste socialista, levando a imagem de um Brasil de imensas possibilidades e de futuro incerto. Ainda em 1942, em plena segunda guerra mundial, Jorge escreve o romance *Terras do Sem Fim*, que retrata a história de um brasileiro distante da pátria, exilado na Argentina por razões políticas.

A trajetória do autor se inscreve nas transformações políticas do Brasil, nos últimos cinquenta anos. O caminho ideológico da crise de valor, nessa extrema passagem do Brasil pré-moderno para o moderno, conduz ao comunismo, sendo um caráter histórico que identificará a intelectualidade brasileira nesses tempos de mudanças. Jorge Amado se deixou envolver por esse clima, onde se misturava o decrépito do *ancien régime*, procedente do nosso tronco autoritário, o estigma da fascistização ascendente, a que o autor reagiu politicamente. Na literatura de “identidade nacional”, ele teve resultado mais positivo do que a política dos “interesses nacionais”. Podemos observar que, na primeira, se abre imaginariamente, enquanto, na segunda, se fecha tecnocraticamente. Sendo assim, o povo, na segunda, é mais observado como uma essência religiosa ou parasitariamente mítica. Jorge Amado chegou à conclusão de que era conveniente dispensar a canônica atuação partidária para seguir o compromisso de alargamento.

Apesar do prestígio com o público, Jorge Amado foi, por muito tempo, ignorado pela crítica literária e pela academia. Com o tempo, o quadro foi mudando, ao menos na análise que observam o protagonismo dos negros e das mulheres na obra do escritor baiano. Jorge escolheu ficar longe do cânone literário, já que queria mesmo era ser canonizado pelo povo. A sua literatura, como toda arte, é uma modificação do real, é a realidade recriada do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas e com os quais toma corpo e nova realidade e com o uso de uma linguagem simples, de acesso popular e forte característica lírica. Jorge Amado fez o registro e a crítica social dos costumes da época, registrando o Sul do Estado da Bahia, ambiente que dá vida a suas personagens.

Ao abandonar o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o escritor inicia sua segunda fase com *Gabriela Cravo e Canela*, de 1958, mostrando uma espécie de dualidade entre o país oficial e o país almejado pela esquerda - isto é, entre a ideia de país moderno, europeizado, mediante a qual se almeja a superação de todo arcaísmo, e o país real da miscigenação, da interpenetração cultural, do sincretismo religioso e da sensualidade da cor da pele. Daí resulta o duelo entre a moral da casa, aquela que mantinha a aparência, e a moral da rua, mediada pelas pulsões sexuais. Em *Gabriela, cravo e canela*, há uma disputa entre os grandes proprietários de terras cacaueiras, os coronéis, e uma jovem burguesia comercial e modernizante. Nesse romance, nos chama a atenção a abordagem antropológica do cenário social da Ilhéus do início do século passado, por meio da qual

se procura destacar fatos da vida cotidiana da cidade onde Jorge Amado viveu parte da infância. Notamos aí um profundo sentimento histórico por parte do autor, que procura destacar acontecimentos do mundo real, principalmente da economia e da política brasileira. No livro, percebe-se o equilíbrio de poder entre os coronéis e a burguesia capitalista, ou seja, Ramiro Bastos e Mundinho Falcão. Há também a trama envolvendo Nacib, Gabriela e as mulheres de Ilhéus. No romance, ressalta o paradoxo existente entre a vida social e a “outra vida”, interior, oculta, manipulada pelos poderes dos homens que controlam o dinheiro e as leis, sendo capazes de mover o mundo exterior por meio de ações a-históricas ou anti-históricas. Certamente, podemos observar que o paradigma do romance de Amado é, mais que uma mulher, a mulher brasileira, porque o feminino assume um aspecto relacional básico na estrutura ideológica brasileira, atuando como mediadoras. Elas ligam o interno, “o ventre, a natureza, o quarto, as matérias prima da vida que sustentam a vida”, e o externo, pois “são a razão do desejo que movimenta tudo contra a lei e a ordem; é no pecado e na transgressão que concebemos a mudança e a transformação radical da mulher” (CÂNDIDO, 2007. Pag. 14-15) A mulher é aqui a conexão entre os homens, não importando com que tipo de homem: jovens e velhos, inocentes e devassos, ricos e pobres. Na obra, o autor constituiu a mulher como elemento inspirador.

2.3. A Mulher na Ilhéus de Jorge Amado

Logo podemos perceber que não somente Gabriela, como todas as categorias de mulheres de Ilhéus surgem com seus poderes de sedução para escandalizar a sociedade de Ilhéus. Podemos observar isso no comportamento de Glória, expresso na passagem seguinte:

A casa de Glória ficava na esquina da Praça e Glória debruçava-se à tarde na janela, os robustos seios empinados como numa oferenda aos passantes. Uma e outra coisa escandalizavam as solteironas que vinham para a igreja e davam lugar aos mesmos comentários, cada dia, na hora vespertina da prece:

- Falta de vergonha...
- Os homens pecam até sem querer. Só de olhar.
- Até os meninos perdem a virgindade dos olhos... (AMADO, 1975, p.

91).

Assim, os fazendeiros eram desmoralizados por suas belas amantes, que os traem e desonram seus amantes no decorrer do livro. Por exemplo, Amado deixa claro que Gabriela é de todos e não é de ninguém. Uma jovem que vem do sertão torna-se cozinheira, doméstica e construída como figura viva da mulher anti-intelectual, vem revolucionando com suas armas que são: seu corpo, seu tempero, sua comida, seu cheiro de cravo e o sabor de canela.

A partir do que foi dito, destacaremos aqui as categorias de mulher representadas em *Gabriela, cravo e canela*, obra da segunda fase regionalista de Jorge Amado. Várias pesquisas foram feitas por antropólogos que mostram a posição ambígua que caracteriza a figura da mulher no sistema da representação da sociedade. Ao longo da história, a mulher tem sido representada de modo controverso, muitas vezes, qualificada como perigosa e desorganizadora da ordem social. A propósito, Emanuel Araújo, no seu escrito *A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia*, (PRIORE, 1997), nos apresenta o estereótipo do bom comportamento feminino na sociedade patriarcal, nos seguintes termos:

Corre a missa. De repente, uma troca de olhares, um rápido desvio do rosto, o coração aflito, a respiração arfante, o desejo abrasa o corpo. Que fazer? Acompanhada dos pais, cercada de irmãos e criadas, nada podia fazer, exceto esperar. Esperar que o belo rapaz fosse bem-intencionado, que tomasse a iniciativa da corte e se comportasse de acordo com as regras da moral e dos bons costumes, sob o indispensável consentimento paterno e aos olhos de uma tia ou de uma criada de confiança (de seu pai, naturalmente). (PRIORE, 1977, p. 45).

Com base nesse comportamento, a sociedade, principalmente, os homens as discriminavam pelos aspectos que as diferenciavam biologicamente dos homens: a menstruação, as ações misteriosas do sexo e da gestação, são dados qualitativos que lhes atribuem. Assim, passa existir uma rígida divisão dos papéis sociais destinados aos homens e às mulheres. Na *Ilhéus* de Jorge Amado, a propósito, às mulheres cabem as funções domésticas: cozinhar, costurar, cuidar dos filhos; já aos homens são reservadas as atividades ligadas ao poder e à vida pública em geral. Notamos que as mulheres de *Ilhéus* não tinham nenhuma função no domínio das relações políticas, o que existia era uma ordem tradicional nas relações políticas, relacionadas com parentesco, também estabelecia e se consolidava as alianças políticas através do parentesco e do casamento. Neste caso, a posição das mulheres é de inteira subordinação aos homens da família. Esse é o caso de Dona Olga e Tonico Bastos.

Tradicional amizade ligava o coronel Coriolano à família, Ramiro Bastos batizara-lhe um filho, eram parceiros políticos, viam-se sempre. Disso aproveitava-se Tonico para explicar à esposa, essa gordíssima e ciumentíssima dona Olga, ser obrigado, pelos laços de afeição e de interesse político que ligava ao coronel àquelas suspeitas visitas, após o almoço a casa mal-habitada (AMADO, 1975, p, 139).

Em algumas partes do romance, procura-se evidenciar as relações entre homens e mulheres, situando-as em um cenário de luta, em que as mulheres se revoltam com as regras definidas pelos homens. Logo podemos perceber essa relação entre Malvina e seu pai. As mulheres não se submetem e aparecem, na sociedade ilheense, como elemento de transformação e de desorganização da ordem patriarcal. As personagens femininas do romance se classificam nas categorias de esposa e filha dos coronéis, homens que detinham todo o poder político e ocupavam lugar social de destaque; as prostitutas, vindas do interior ou de outro estado, que representavam a classe mais rebaixada da sociedade; as solteironas, mulheres que possuíam *status* familiar, embora tenham interrompido a linha de sucessão familiar, tornada possível apenas pelo contrato social do casamento; e, última categoria aqui destacada, a empregada, que vem ser o caso de Gabriela.

2.3.1. A Esposa e a filha

Na primeira categoria, representada pela esposa e pela filha, destaca-se a relação de dominação imposta por seus pais e maridos, que, diversas vezes, as tratavam como prisioneiras ou escravas. Aos homens pertenciam todos os direitos e, às mulheres, os deveres. A situação das mulheres era de absoluto confinamento, pois a sensualidade feminina podia despertar os desejos masculinos. Em relação ao comportamento, Emanuel Araújo deixa claro como deve a mulher se comportar nesse contexto social.

“As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeita aos seus maridos”. De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lá. A mulher estava condenada, por definição a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada (PRIORE, 1997, p. 46).

Observa-se, no enunciado acima, que se condena a mulher por um erro de Eva, de levar Adão, o primeiro homem, a cometer o pecado e a perder a inocência, causando o desejo masculino, o que era visto como um ato de pecado perante à sociedade e à igreja.

Por isso, as leis eram bastante duras com hábitos pecadores. Quando a mulher despertava o ato da sensualidade, era mantida em vigilância e, a partir desse momento, a família perdia o sossego a ponto de a forçar a deixar quaisquer hábitos que despertassem o desejo e que ameaçassem o equilíbrio doméstico, a segurança da sociedade e a ordem da instituição civil e eclesiástica. Porém, existe um período de liberdade das mulheres antes do casamento, a adolescência. Nessa fase, frequentavam festas e namoravam rapazes solteiros. Essa liberdade era relativa, pois continuava sobre o controle dos pais que garantiam a preservação de sua virgindade e virtude, qualidades essenciais para uma moça de família daquela época e para se chegar ao casamento. Na Ilhéus de Jorge Amado, podemos verificar esse aspecto. Na trama romanesca, quando a mulher tem o casamento imposto pelo pai, ou de sua própria escolha, tendo a aprovação do pai, sua liberdade era abolida e, no seu papel de esposa e mãe, o máximo que elas podiam fazer era desejar ardentemente frequentar a igreja e, assim, garantir o bom funcionamento do lar.

Na educação, o estudo destinado às meninas era diferente dos meninos, pois só era permitido o mínimo indispensável para retirá-las da ignorância. Ler e escrever já eram o mínimo de educação formal para elas naquela época e podia ser realizado na sua própria casa ou em recolhimentos, em ambiente de clausura. Do ponto de vista de Emanuel, na sociedade patriarcal, o aprendizado delas limitava-se aos limites domésticos:

Só as que mais tarde seriam destinadas ao convento aprenderiam latim e música; as demais se restringiam ao que interessava ao funcionamento do futuro: ler, escrever, contar, coser e bordar; além disso, no máximo, que “a mestra lhes refira alguns passos da história instrutiva e de edificação, a as faça algumas cantigas inocentes, para as ter sempre alegres e divertidas”. No conjunto, o projeto educacional destacava a realização das mulheres pelo casamento, tornando-as afinal hábeis na “arte de prender a seus maridos e filhos como por encanto, sem que eles percebam a mão que o dirige nem a cadeia que os prende”. (Del Priore, 1997, p. 50)

Nesse contexto, a formação superior é considerada como perda da própria virtude e da moral. A mulher metida à doutora é considerada desavergonhada perante à sociedade que quer se perder. Nessas circunstâncias, o confinamento físico e moral deveria corresponder ao confinamento intelectual.

No romance, as moças de Ilhéus, como Iracema, Helena, Zuleika e Malvina, formavam a juventude estudiosa, sendo preparadas para serem futuras mães de família. Mas entre as moças se destaca Malvina que não se enquadra completamente nos papéis

definidos às mulheres da sua idade e classe social. Casamento e independência se opõem em sua narrativa. Seu destino não era o mesmo de sua mãe. Apesar do grande progresso ocorrido em Ilhéus, as famílias e mulheres ainda eram alvo da ideologia patriarcal. Contudo, esses valores podiam entrar em confronto com os das próprias mulheres. Havia aquelas que rompiam com os discursos vigentes e respiravam por liberdade, como Gabriela, Malvina e Glória. Elas possuíam maneira e motivações diferentes, não se submetiam às normas, ao padrão moral e social de sua época, à hierarquia patriarcal.

A única conduta aceitável para as mulheres de família era obedecer às ordens paternas, o que significava não romper com a ordem social por meio da rejeição do casamento. A conduta contrária consistia na transgressão social por meio da infidelidade conjugal. Este tipo de erro era intolerável e reprimido através da aplicação da pena máxima, que seria a morte dos traidores. No romance *Gabriela, cravo e canela*, encontra-se um exemplo disso, evocado no episódio em que o marido mata a esposa por adultério:

De súbito, naquele dia de sol esplêndido, na hora calma da sesta, o coronel Jesuíno Mendonça descarregara seu revólver na esposa e no amante, emocionando a cidade, trazendo-a mais uma vez para o remoto clima de sangue derramado, fazendo com que o próprio Nacib esquecesse seu problema tão grave, de cozinheiro. (AMADO, 1975, p. 96).

Portanto, para manter a ordem tradicional na sociedade era importante manter a boa conduta de parentesco, que ocupa um lugar central nas suas relações sociais, logo, o adultério, é um crime que põe em risco a própria sociedade. Mas para o homem, o adultério não só é aceito, como também, representa uma norma social. Nesse caso, é importante manter o controle das suas esposas, de suas filhas e, também, das irmãs que se apoia na honra da família. A igreja que mantinha a harmonia na sociedade e na família, bem que tentava domar os pensamentos e os sentimentos, mas nem todo mundo aceitava tamanha interferência quando ardia o fogo do desejo pelo corpo ou quando a proibição passava dos limites aceitáveis em determinadas circunstâncias.

A sociedade Ilheense permite caracterizar duas ordens: a primeira é a moral masculina que reforça a força e, a segunda, a moral feminina que reforça a virgindade e fidelidade conjugal. A mulher tinha que fazer seu papel de esposa, mas sem excesso de erotismo, como prescrevia São Jerônimo desde o ano de 392:

Escandaloso é também o marido demasiado ardente para com sua própria mulher”, porque “nada é mais imundo do que amar a sua mulher como amante [...] Que se apresentem à sua esposa não como amantes, mas como maridos”. Moderação, freio dos sentidos, controle da carne, era o que se espera de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos. Não que devesse ser evitados. Ao contrário, marido e mulher deviam empenhar-se no pagamento do “débito conjugal”, mas também aqui sob certas regras; no caso da mulher seu desejo devia ser apenas insinuado, e, segundo manuais de confessores, o marido tinha de estar atento e apto a perceber e atender os sinais dissimulados emitidos pela esposa recatada e envergonhada. Afinal, recusar-se a pagar o débito era pecado, mas as regras não acabavam aqui: uma vez na cama, os teólogos e moralistas condenavam o coito como homem em pé, sentado ou por baixo da mulher, casos em que o esperma procriador poderia desperdiçar-se ao não entrar no lugar certo. Dai a condenação da lascívia que despertava a louca paixão e levava à cópula irresponsável, de puro prazer. (PRIORE, 1997, p. 52)

Finalmente, a mulher com prazer ou sem prazer, tornava-se mãe e tinha que ser fiel. Na visão da sociedade, a maternidade seria o auge da vida da mulher. A partir desse momento, a mulher se afastava do pecado trazido por Eva e se aproximava de Maria, a pureza, já que Eva era vista como a serpente, um animal imperfeito que possuía a influência do espírito descorporificado, além de possuir uma língua traiçoeira.

2.3.2. As Raparigas

De acordo com a visão da sociedade, as raparigas eram as mulheres excluídas da família, servindo exclusivamente ao exercício da virilidade dos homens ilheenses. Ao contrário de suas esposas, mulheres exclusivas e privadas, as raparigas eram mulheres públicas, serviam de bens de consumo ao público masculino. Na Ilhéus de Jorge Amado, havia vários cabarés, os principais eram o ‘Bataclan e o Trianon’, o primeiro, de propriedade de Maria Machado, era o mais procurado pelos ricos fazendeiros da região, por possuírem mulheres bonitas e que lhe faziam sentirem o prazer sexual, negado nos limites do lar.

As prostitutas, como Risoleta e Mara, sempre apareciam em cenas noturnas, horário em que os homens as procuravam, deixando-se levar pelo desejo do corpo. Cabia às prostitutas realizarem as suas fantasias, sendo, ao mesmo tempo, por isso, recriminadas e excluídas da vida social. As relações que os homens mantinham com as raparigas eram temporárias e as exclusividades das atividades sexuais variam na proposta do investimento realizado pelo homem para tê-la. As raparigas de luxo eram

mantidas com casa posta pelo seu amante e era guardada e defendida com maior rigor do que as prostitutas das casas das mulheres ou dos cabarés. Mas, no geral, não eram bem vistas pela sociedade, que impunha limites à sua liberdade, impedindo ou reprimindo a sua presença nas ruas e nos bailes de família. Foi o que aconteceu na festa de fim de ano na cidade de Ilhéus, quando a presença da personagem Glória causa um “zunzum” entre as senhoras presentes.

A do dr. Alfredo, mulher de deputado (estadual, é verdade mas mesmo assim importante), levantou-se quando Glória gloriosa, pedindo licença, no salão nobre, a seu lado, a cobiçada bunda numa cadeira sentou. Arrastando Jerusa, mais adiante foi instala-se a ofendida senhora. Glória sorriu, arrebanhando as voltas da saia. Quem junto dela sentou foi o padre Basílio, a quanto o obrigava a caridade cristã! Os homens lançavam olhares medrosos, sob vigilante controle das esposas. “Josué felizardo!”, invejavam arriscando uma olhadela furtiva (AMADO, 1975, p. 291).

Nesse caso, Glória representa as meretrizes. A prostituição, até nos dias de hoje, é uma forma de experimentar a liberdade física e moral. De fato, não podemos negar que ainda vivemos em um mundo de forte opressão à mulher e pela falta de oportunidades, de espaços e pela condição desigual, muitas se submetem à imoralidade. A proibição do contato entre as raparigas e as mulheres de família se dá tacitamente, quando fica subentendido que, o simples contato, seja através de leitura, audição, visão ou pelo contato físico com pessoas de comportamento reprovável, é considerado uma imoralidade e algo perigoso por contaminar a virtude feminina.

2.3.3. As Solteironas

As solteironas eram conhecidas por ocupar, na ordem social, o lugar de testemunha e controladora do comportamento moral da população, principalmente do comportamento feminino. Perante à sociedade, elas teriam seu destino limitado por terem fracassado ao não concluírem o ciclo do parentesco, tendo que manter a virgindade; assim, a moral feminina era centrada na virgindade que representava a virtude excessiva. Sendo representadas como a própria encarnação dos princípios morais da igreja, as solteironas por não terem marido e filho, passam a maior parte do tempo servindo a Deus, ou seja, na igreja:

As solteironas numerosas, em torno à imagem de Santa Maria Madalena, retirada na véspera da Igreja de São Sebastião para acompanhar o andor do santo padroeiro em sua ronda pela cidade, sentiam-se transportar em

êxtase ante a exaltação do padre habitualmente apressado e bonachão, despachando sua missa num abrir e fechar de olhos, confessor pouco atento ao muito que elas tinham a lhe contar, tão diferente do padre Cecílio... (AMADO, 1975. P, 16)

Devido a igreja situar-se no centro da praça do bairro residencial, em frente ao bar Vesúvio, na cena principal da ação social, a igreja se convertia em um verdadeiro posto de observação feminino, formando, as solteironas, um grupo homogêneo, tanto no que se refere ao comportamento quanto ao modo de vestir. As solteironas se vestiam e pensavam da mesma maneira e viviam apontando mulheres para os homens casarem, a exemplo das Irmãs dos Reis, uma das quais, dirigindo-se ao solteirão Nacib, comenta:

- Com tanta moça solteira na cidade... E prendadas.

-Eu sei de uma ótima para o senhor, seu Nacib. Moça direita, não é dessas sirigaitas que só pensam em cinema e em dança... Distinta, sabe até tocar piano. Só que é pobre... (AMADO, 1975, p. 59)

As Irmãs dos Reis eram as duas mulheres que mais se destacavam no grupo das solteironas estavam sempre juntas e falavam o mesmo som, ou seja, dava conta da vida das outras pessoas com maledicência, formando as línguas viperinas. As solteironas eram testemunhas e não personagens sexuais, elas se associavam a imagem da morte por viver vestidas de negro, como sinal de sua virginal virtude, o corpo sempre coberto por longos vestidos fechados no pescoço, negros xales aos ombros fazendo-as parecer aves noturnas.

Como não expressavam a sua sexualidade, as solteironas se limitam ao trabalho doméstico, principalmente, a cozinhar. As Irmãs, consideradas mãos de fadas, faziam doces para vender e aceitavam encomendas de refeições. Sendo assim, as solteironas fazem do exercício da cozinha um meio de lucrar com os homens, enquanto as raparigas se vendem como comida para se manter.

2.3.4. A Empregada

Essa categoria representa a camada socioeconômica mais baixa da sociedade. As empregadas ligam-se às famílias “de bem”, não por laços sanguíneos, mas por simpatia ou semelhança, além dos laços estabelecidos pelo contrato social. Além de executar os serviços domésticos, em certos momentos, elas prestam serviços sexuais a seus patrões. Filomena, empregada de Nacib desde que ele comprara o bar, era rabugenta, mas trabalhadora, limpa e cuidadosa incapaz de tocar num tostão. “Era uma pérola, uma

pedra preciosa”, como dizia dona Arminda para defini-la. Filomena sempre reclamava quando Nacib chegava tarde por viver atrás das raparigas do cabaré, existia uma preocupação, uma simpatia que a tornava mais que uma empregada:

Esperei o senhor pela noite adentro... Até de madrugada... O senhor estava correndo gado por aí, tamanho homem que já devia estar casado, com o rabo assentado em casa em vez de viver trocando perna depois do trabalho... Um dia, com todo esse corpo, fica fraco e bate as botas... (AMADO, 1975. P, 35)

Diferentemente, Gabriela era uma empregada jovem, animada, bonita e bem disposta; possuía uma sensualidade irresistível, chamando a atenção dos homens com sua cor de canela e o seu cheiro do cravo, provocando assim a inveja das mulheres. Além dos afazeres domésticos, satisfazia os desejos sexuais do seu patrão, tornando-se a ele submissa. No romance, Gabriela, a empregada doméstica, é elevada à personagem principal do romance. Como protagonista, ela possui o sinal da transgressão das normas sociais e dos valores defendidos pelas mulheres de família de Ilhéus. Com sua aparência e atitude, ela se situa à margem da sociedade, expressando, na imaginação do autor, a possibilidade de mudança, isto é, de uma efetiva transformação da realidade.

As quatro categorias femininas apontadas podem ser representadas por apenas duas palavras: sexo e cozinha. A moral cristã, na cidade ilheense, onde os valores patriarcais regem o comportamento feminino na sociedade, associa a relação sexual à ideia do pecado original, que excluiu o homem do paraíso, afastando-o de Deus. O sexo era visto como elemento da natureza, inicialmente definido como marca da impureza do homem, porém, a eliminação absoluta da sexualidade acarretaria o fim inevitável do gênero humano, ou seja, da própria cultura que a moral social procura impor.

3- GABRIELA, CRAVO E CANELA: CONFIGURAÇÃO ROMANESCA

Nas obras literárias de Jorge Amado, a exemplo do romance em estudo, o autor dá vida aos seus personagens associando-os a fatos reais. A trama de *Gabriela, cravo e canela* é situada na década de 1920, no interior da Bahia, na cidadezinha chamada Ilhéus. O romance se divide em duas partes: a primeira parte traz o primeiro e o segundo capítulos e a segunda parte o terceiro e quarto capítulos. A primeira parte do romance começa com a apresentação de Nacib, um “Brasileiro das Arábias”, anunciando-se as suas aventuras e desventuras na cidade de Ilhéus, em 1925, quando a cidade passava por momentos de mudanças, marcados por um fluxo de progresso.

Nessa época, enquanto se iniciava a história de amor entre Gabriela e Nacib, a população estava preocupada com os estragos que a chuva podia causar na plantação do cacau. Depois de um período de chuva, o coronel Manuel da Onça, em uma manhã, saiu em direção à banca de peixe que ficava perto do porto, para dar a notícia da estiagem, anunciando que a safra estava salva e que seria a maior daquele ano. As chuvas haviam transformado as estradas e ruas em lamaçais, principalmente, a que tinha sido inaugurada recentemente, ligando Itabuna à Ilhéus. O russo Jacob e seu sócio Moacir Estrela, eram organizadores de uma empresa de exploração do cacau, cujo progresso era o assunto de destaque nas colunas sociais e econômicas, publicado nos jornais, sendo destaque nas rodas de conversas dos principais pontos de encontros da cidade. Ainda na primeira parte, aparece Mundinho Falcão, um jovem carioca, prático e decidido que foi morar em Ilhéus. Com sua chegada, veio o progressismo e a criação de um novo partido político, iniciando um confronto com o coronel Ramiro Bastos. Ramiro era homem poderoso e não admitia outra pessoa mandando na cidade, da qual ele se achava dono. Apesar da cidade estar em crescimento, fatos aconteciam naquela cidade, como o assassinato cometido pelo coronel Jesuíno, que matou sua esposa Sinhazinha e o seu amante Osmundo, que era dentista e tinha chegado há pouco tempo em Ilhéus. Dá-se então o caso de Nacib, dono do mais famoso bar da cidade, o Vesúvio, que ficara desesperado quando sua cozinheira o deixa na véspera do jantar da Empresa de Ônibus Sul- Baiana. Ele vai à casa das irmãs Dos Reis e faz a encomenda, reclamando por elas serem careiras. A busca por empregada continua e Nacib decide ir até a Estrada de Ferro onde ficava o “mercado dos escravos”, e lá encontrou Gabriela e a contratou como sua empregada. Depois de uma noite agitada, o Árabe volta para sua casa e nessa mesma noite, tem a sua primeira noite de amor com Gabriela.

Na segunda parte, o romance relata o “segredo de Malvina”, nessa parte, despontam vários problemas envolvendo personagens distintas: o drama de Malvina com Josué, o caso de Glória com o professor Josué, que acaba sendo descoberto pelo coronel Ramiro, a chegada do engenheiro em Ilhéus e as complicações decorrentes do ciúme de Nacib. Nessa parte, se resolvem todos os problemas do romance: o professor desiste de Malvina e começa um romance com Glória e, ao ser descoberto, o coronel os expulsa da sua casa. Rômulo, o engenheiro, é ameaçado pelo pai de Malvina, o coronel Melk, que, ao vê-lo com a filha sentada no banco da praça, o expulsa da cidade. Em relação à política, passa a existir uma rivalidade entre Ramiro e Mundinho, a ponto de Ramiro mandar por fogo no jornal que pertencia ao seu rival. Nacib, ao ver Gabriela

recebendo várias propostas, fica com ciúmes e, com medo de perdê-la, a pede em casamento.

Voltando à cena política, desesperado por perder o apoio político de Itabuna, Ramiro Bastos manda matar seu ex-aliado, sem sucesso. O matador foge e vai parar na casa de Gabriela, que o reconhece como seu amigo de viagem e o ajuda a fugir. Tudo se resolve com a morte de Ramiro Bastos. Com sua morte, Mundinho Falcão sai vitorioso nas eleições, juntamente com os seus aliados. Em relação à Gabriela, esta não gostava de receber ordens e nem se prender a ninguém. Traiu o marido com o seu melhor amigo, Tônico Bastos. Por sua vez, Nacib acaba anulando o casamento e sofre com a separação. Tempos depois, após ser contratada como cozinheira no restaurante de Mundinho Falcão e Nacib, este volta a se relacionar com Gabriela.

Partindo da leitura da obra percebemos que o romance é cercado por vários acontecimentos, seja pela busca do poder, pela tentativa de sobrevivência, pela liberdade ou mesmo pela figura do progresso, assunto bem discutido no decorrer da história. Também nos deparamos com inúmeras personagens cada uma com um perfil diferente, mas que fascinam os leitores com sua atitude e sua maneira de alcançar seus objetivos, numa sociedade onde predomina o machismo. Essas características de identidade se configuram nas personagens de Malvina, Glória e Gabriela.

4- ANÁLISE DO CORPUS

4.1- Malvina, Glória e Gabriela: três perfis de mulher

4.1.1- Malvina: forte e sonhadora

Na obra de Jorge Amado, podemos perceber que a personagem de Malvina, filha única do coronel Melk Tavares e aluna do colégio de freiras, possuía uma expressão de clamor e desesperança. Ela não se identificava com o costume e as normas da sua época e sonhava com a liberdade, porém vivia presa a seu destino. Nota-se, no terceiro capítulo da obra, que a cantiga de ninar, inserida como epígrafe, retratava a sua inquietação frente aos costumes daquela época, no que se refere, especialmente, ao casamento arrumado, como podemos ver no trecho a seguir:

[...]
Acudam! vão me casar
numa casa me enterrar
na cozinha a cozinhar
na arrumação arrumar
no piano a dedilhar

na missa a me confessar
 acudam! vão me casar
 na cama me engravidar
 [...]
 Meu marido, meu senhor
 na minha vida a mandar.
 A mandar na minha roupa
 no meu perfume a mandar.
 A mandar no meu desejo
 no meu dormir a mandar.
 nessa minh'alma a mandar.
 Direito meu a chorar.
 Direito dele a matar
 No teu leito adormecida partirás a navegar.
 Acudam! me levem embora quero marido para amar não quero para
 respeitar. [...]

(AMADO, 1975, p. 152)

Por outro lado, como fica explicitado na cantiga acima, as mulheres que assumem suas próprias vontades e sua independência nas suas decisões, rompendo com as normas sociais vigentes, são consideradas imorais, transgressoras, passível a sofrer execução da lei, ou em casos extremos, a morte. Como foi o caso de D. Sinhazinha, ao ser descoberta com seu amante Dr. Osmundo Pimentel. A jovem não queria o mesmo destino de sua mãe, casar e ser submissa ao marido. Ela tinha um hábito de todas as tardes, após sair da aula, passear pela praça e folhear na Papelaria Modelo que pertencia ao Senhor João Fulgêncio, que admirava a moça pelo seu caráter e sua inteligência.

Era uma moça corajosa, que se apoderava de romances considerados imorais, de Eça de Queirós e Aluísio Azevedo. Leitura privativa para o sexo masculino, ela não dava a mínima importância ao que os outros iriam falar e nem dos risinhos maliciosos vindo de sua amiga Iracema:

Iracema se aproximava com risinhos maliciosos.
 - Lá em casa tem o “Crime do padre Amaro”. Peguei pra ler, meu irmão tomou, disse que não era leitura pra moça... – o irmão era acadêmico de medicina na Bahia.
 - E porque ele pode ler e você não? – cintilaram os olhos de Malvina, aquela estranha luz rebelde.
 - Tem o “Crime do padre Amaro”, seu João?
 - Tem sim. Quer levar? Um grande romance...
 - Vou levar, sim senhor. Quanto custa? (AMADO, 1975, p.174)

Podemos perceber, no trecho, a ideologia do patriarcalismo, quando o irmão proíbe a irmã de ler, pois não era aceito a instrução feminina; era preferível a educação para a vida doméstica e a preparação para o papel de esposa. Ainda podemos notar uma enorme preocupação com a vida sexual da moça, que devia ser mantida virgem até o

casamento. Sendo assim, quando a moça despertava o ato da sexualidade, os pais tratavam de arrumar um marido para suas filhas.

Malvina, por ser diferente das outras meninas e viver sonhando com a liberdade, desobedece constantemente os hábitos da sociedade e passa a conversar com o professor Josué na frente do portão da sua casa, sem levar em consideração o que a sociedade iria falar. Ela possuía uma personalidade que impressionava a sociedade ilheense. O próprio Nacib reconhecia a ousadia de Malvina na ida ao funeral e no que João Fulgêncio tinha dito:

[...] Uma vez João Fulgêncio dissera, ao vê-la com outras colegas comprando chocolate no bar:

— Essa moça é diferente das outras, tem caráter.

Por que diferente? O que queria dizer João Fulgêncio, homem tão ilustrado, com aquela coisa de “caráter”? A verdade é que ela aparecera no velório, levando flores. O pai visitara Jesuíno, “lavara-lhe o seu braço”, como ele mesmo dissera a Nacib no “mercado dos escravos”. A filha, moça solteira e estudante, à espera de noivo, que diabo fora fazer junto ao caixão de Sinhazinha? Tudo dividido, o pai de um lado, a filha de outro. Esse mundo é complicado, entenda-o quem quiser, estava acima de suas forças, não passava de dono de bar, por que pensar em tudo isso? Tinha era de ganhar dinheiro para um dia comprar roça de cacau. Se Deus ajudasse, haveria de comprar. Talvez então pudesse olhar o rosto de Malvina, tentar decifrar o seu enigma. [...] (AMADO, 1975, p. 146).

Apesar de ser uma moça de personalidade forte, Malvina sentia-se imobilizada pela dominação constante do seu pai, sendo vítima de violência física, quando esse descobre o romance da filha com o engenheiro Rômulo.

[...]

-Onde ela está?

-Subiu para o quarto.

-Mande descer.

[...]

- Respeito me tenha! – gritou. – Sou seu pai, baixe a cabeça. Sabe do que falo. Como me explica esse namoro? Ilhéus não trata de outra coisa, até na roça chegou. Não venha me dizer que não sabia que era homem casado, ele nem escondeu. Que tem a dizer?

... eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. [...]

- Tu não tem querer. Tu há de fazer o que eu ordenar.

[...]

Melk segurou-lhe o pulso, bateu-lhe a mão na cara. Malvina reagiu:

- Pois vou embora com ele, fique sabendo.

- Ai meu Deus!... a cobriu o rosto com as mãos.

- Cachorra! – levantou o rebenque nem reparou onde batia.

[...]

Num repelão atirou-a contra o sofá. Ela caiu de bruços, novamente ele levantou o braço, o rebenque descia e subia, silvava no ar. Os gritos de Malvina ecoavam na praça.

A mãe suplicava, em choro, a voz medrosa:

- Basta Melk, basta...
 Depois, de repente, se atirou da porta, agarrou-lhe a mão:
 - Não mate minha filha!
 Parou, arquejante. Malvina agora apenas soluçava no sofá.
 - Pro quarto! Até segunda ordem, não pode sair. (AMADO, 1975, P.13-14).

No trecho acima, podemos notar que a personagem não se rendeu às punições e enfrenta o pai, pois odiava obedecer e baixar a cabeça, odiando, por isso, desde cedo a casa, a cidade, as leis e a vida submissa da mãe. Era uma jovem orgulhosa, como dizia Nacib: “Essa filha de Melk Tavares tem topete” (AMADO, página133). Malvina achava em Mundinho falcão e no engenheiro as pessoas certas para arrancá-la dali; eram homens de prestígio e da cidade grande. Para ela, não se tratava de amor e nem de paixão: a jovem amaria a quem lhe oferecesse a liberdade, resgatando-a do destino destinado às mulheres de Ilhéus. Malvina sonhava em ser livre como o mar, sem limite e isso fazia florescer na personagem o desejo de dias melhores, a possibilidade de trabalhar e casar com quem realmente amasse. No entanto, ao ser mandada para o colégio interno em Salvador, ela consegue a tão sonhada liberdade, fugindo para São Paulo, onde começa a trabalhar e a estudar sem depender de ninguém.

4.1.2 Glória: chamativa, ousada e atraente

Glória era umas das mulheres que mantinham uma relação negativa com o domínio do parentesco, dentre essas as raparigas e as prostitutas vindas do interior ou de outros estados. Representava a classe mais baixa, protegida pelo coronel Coriolano que morava na Rua São Sebastião, sua casa ficava em uma esquina da praça próxima à igreja. Nesse contexto, observa-se uma hierarquização na estrutura social, que valia para a relação entre esposa e amante. Sendo assim, a primeira está sob a sujeição estrita do homem, está no interior da família, fazendo parte da ordem doméstica, enquanto, a segunda, ocupa o lugar da marginalidade. Para Ilana Strozemberg, a hierarquia se define também pela localização:

O lugar das raparigas - de “casa posta”, das “casas de mulheres” ou simplesmente cabrocha que exercem a profissão irregularmente - são as ruas de canto, nas zonas mais pobre de Ilhéus, longe dos bairros residenciais centrais onde moram as famílias (MATA, et al. 1983, p. 77).

Glória, por ser uma rapariga de luxo, era caracterizada como uma figura transgressora já que suas aparições na janela, tanto por dentro, quanto por fora da casa, era vista como uma afronta à sociedade que nem mesmo os homens podiam olhar e, muito menos, falar na frente de testemunhas. Em sua janela, ela suspirava com gemido, ânsia, tristeza, indignação, podendo-se perceber o lamento de Glória no canto abaixo:

Tenho no meu peito um calor
 ai! um calor no meu peito
 (quem nele se queimará?)
 [...]
 Meus olhos são de quebranto,
 os meus seios de alfazema
 com um calor dentro dele.
 Como é meu ventre não conto
 mas esse fogo que queima
 nasce da brasa acendida
 na solidão dessa lua
 do doce ventre de Glória.
 O segredo dele não conto
 Nem de sua brasa acendida.
 [...]
 (AMADO, 1975.p, 90).

Apesar de viver no luxo, seu peito estava cheio de indignação contra os homens, por serem covardes e hipócritas. Também podemos perceber que a sociedade masculina daquela época vivia de aparência. Ao passar perto da janela de Glória sorriam, desejavam, suplicavam um olhar. Na verdade, o desejo de glória era bater a janela na cara dos curiosos, mas não reagia, porque aquele fulgor momentâneo era tudo que ela possuía em sua solidão.

No romance, Glória era considerada pelas beatas um demônio que passava boa parte do tempo em sua janela sorrindo, reacendendo o desejo e a luxúria dos homens que frequentavam o bar de Nacib. Alguns achavam aquilo um escândalo, enquanto outros admiravam. Por se encaixar no perfil de uma mulher sem destino e sofredora, era forte e determinada, onde chagava provocava o “zunzum” entre as senhoras de Ilhéus.

Envolta em perfume tão forte que encheu toda a sala, trajando melhor que qualquer das senhoras, vestido de rendas mandado buscar na Bahia, abanando-se com um leque, verdadeira matrona-não pela idade, pois era tão jovem, mas pela pose, os modos sérios, o recato dos olhos, por sua extrema dignidade uma matrona- fez sua inesperada aparição na sala proibida Glória, antiga solidão a suspirar na janela, consolada carnação magnífica, sem suspiro agora (AMADO,1975, p. 291).

Podemos perceber, no enunciado acima, que Glória chama atenção de várias maneiras, por ser uma prostituta, por frequentar ambientes onde se encontravam as

senhoras de Ilhéus e por seu vestuário e postura que lhe faziam parecer uma verdadeira senhora. Quanto à atitude, Glória não se deixava ser dominada pelo coronel Coriolano, que falava que rapariga sua tem que ser trancada, sair pouco. Não podia ter amigos e nem visitas, tinha que viver solitária. Percebe-se que Glória vivia na solidão até encontrar o amor nos braços do professor Josué, mas sem nenhum compromisso de ser senhora, nem cuidar de casa e da família, ela queria o amor e o conforto oferecido pelo coronel Coriolano. Lya Luft deixa claro essa relação de “tormentos da ambivalência”:

Liberdade de escolha e segurança oferecida pelo pertencimento está em constante tensão. Em nosso mundo fluido, fixar-se numa única identidade para toda vida é insensato, pois se corre o risco de exclusão. (XAVIER, 2007.p, 175)

Glória estava ciente de que sua situação era perigosa e complicada, mesmo assim, vivia na malícia e sempre alerta para que o coronel não descobrisse, por duas razões: o passado de violência do coronel e a regra tácita, segundo a qual a rapariga deveria pagar o luxo com a obediência, respeitando o direito do amante à exclusividade.

4.1.3- Gabriela: a mulata da cor do pecado

Jorge Amado, em sua obra, conta a história de Gabriela, uma jovem que fugira do sertão nordestino, por motivo da seca, em busca de uma oportunidade na cidade de Ilhéus. Sua principal característica era ser mulher perigosamente sensual e bela, o que a tornava irresistível. Possuía um olhar insolente e provocante, era sorridente e brincalhona e, por onde passava, deixava seu perfume com o cheiro de cravo e canela que despertava o desejo na figura masculina. Durante sua fuga para Ilhéus, Gabriela tem um relacionamento com Clemente, um de seus companheiros de viagem, que se apaixona pela jovem e não é correspondido, pois ela prendia os homens pelo sentimento sem se deixar prender a eles:

Ela continuava a deitar-se com ele, a gemer e a ir, a dormir recostada sobre seu peito nu. Clemente falava, cada vez mais sombrio, explicava as vantagens, ela apenas ria e balançava a cabeça numa renovada negativa (AMADO, 1975, p. 86).

Logo, podemos perceber o determinismo da personagem que não se enquadra nos limites postos pelos homens para as mulheres. Ela não aceitava ser submissa perante à sociedade, vivia em busca de liberdade e resistia aos padrões patriarcais da época. Ao chegar a Ilhéus, Gabriela é contratada por Nacib, a quem, aparentemente, ela passa a se submeter, não impondo suas vontades; mas, por se tratar de uma personagem rebelde,

age dissimuladamente ao deobedecer às imposições da ordem social, fazendo tudo que era proibido para a senhora Saad.

Uma voz por detrás, sopro de homem em seu cangote:
 - Que faz aqui, afilhada?
 Seu Tonico de pé a seu lado.
 - Vim ver Tuísca.
 - Se Nacib descobre...
 - Sabe não... Não quero que saiba. Seu Nacib é tão bom.
 - Deixa estar que não digo.
 Tão depressa acabava, tão gostoso que era!
 - Vou te levar...
 Na porta decidiu, era um finório o seu Tonico:
 - Vamos pelo Unhão, damos a volta no morro para não passar próximo
 ao bar. (AMADO, 1975, p. 255)

Podemos perceber que Gabriela tinha convicção do que queria; mesmo dentro de uma sociedade dominada pela força masculina, ela ia em busca do seu objetivo, mesmo achando Nacib “moço bom”. Ao ser contratada como empregada, Gabriela se encontrava num papel de submissão extrema, no entanto, com o passar do tempo, Nacib também se viu submisso a Gabriela, não sabendo mais viver sem as suas comidas e o seu corpo, já se encontrava em seu poder. A figura feminina, nesse contexto, além de ser submissa aos seus homens, era também deveria ser disciplinada; eles manipulavam seu tempo, seu espaço e as funções corpóreas, para alcançar seus objetivos e manter uma boa aparência perante à sociedade. Segundo a escritora Riane Eisler, no âmbito patriarcal, “o marido não é apenas o tradicional provedor material, mas um ser poderoso, do qual tudo depende, pois é ele que traz para o lar, alimento, esperança, a fé, a história de uma família”. (XAVIER, 2007. P, 65). No romance, Nacib tenta moldar Gabriela:

Quando dona Arminda por fim desejou boa noite e saiu, a casa vazia e revolta, garrafas e pratos esparramados, Nacib falou:
 - Bié...
 - Seu Nacib...
 - Porque seu Nacib? Sou seu marido, não seu patrão...
 Ela sorriu, arrancou os sapatos, começou a arrumar, os pés descalços.
 Ele tomou-lhe da mão, repreendeu:
 - Não pode mais não, Bié...
 - Andar sem sapatos. Agora você é uma senhora.
 - Posso não? Andar descalça, de pé no chão?
 - Pode não.
 - E por quê?
 - Você é uma senhora, de posses, de representação.
 - Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela...
 Vou te educar – tomou-a nos braços, levou-a pra cama.
 - Moço bonito... (AMADO, 1975. P, 235)

O que notamos é que Gabriela é forçada por Nacib a se comportar perante a sociedade, com isso, resolve seu problema de como expressar a totalidade de seu desejo, criando uma forma para manter suas relações com os homens. A sensualidade é uns dos atrativos que chama atenção dos leitores, Jorge Amado busca representar a figura feminina nordestina na personagem de Gabriela. Essa traz a pele morena queimada do sol, o fogo ardente do sertão em seu corpo, a alegria apimentada, o gingado na cintura despertando o desejo sexual por onde passava.

Exclamações ressoavam à sua entrada: aquele passo de dança, os olhos baixos, o sorriso espalhando-se dos seus lábios para todas as bocas. Entrava dizendo bom dia por entre as mesas, ia direto para o balcão, depositava a marmita. [...]

Ela ajudava a servir, para mais depressa o movimento acabar, senão a comida esfriaria na marmita, perderia o gosto. Os chinelos arrastando-se no cimento, os cabelos amarrados com uma fita, o rosto sem pintura, as ancas de dança. Ia por entre as mesas, um lhe dizia galanteios, outro a fitava com olhos súplices, o Doutor batia-lhe palmadinhas na mão, chama-a “minha menina”. Ela sorria para uns e outros, parecia uma criança não fosse as ancas soltas. Uma súbita animação percorria o bar, como se a presença de Gabriela tornasse mais acolhedor e íntimo. (AMADO, 1975. P, 156)

Também percebemos que, na obra, as mulheres, devido à sensualidade, são postas em vigília e privações:

“Bem melhor era antes, tudo podia fazer, ele tinha ciúmes, mas era ciúme de homem solteiro, logo passavam, passavam na cama. Podia tudo fazer sem ele ficar ofendido. Antes cada minuto era alegre, vivia a cantar, os pés a dançar. Agora cada alegria custava tristeza. Não tinha ela de visitar as famílias de Ilhéus? Ficava sem jeito, vestida de seda, sapato doendo, em dura cadeira. Sem abrir a boca pra não dizer inconveniência. Sem rir, parecendo de pau, gostava não. Para que lhe servia tanto vestido, tanto sapato, joias, anéis, colares e brincos, tudo de ouro, se não podia ser Gabriela? Não gostava de ser a senhora Saad”. (AMADO, 1975.p, 289)

Podemos perceber, na personagem de Gabriela, que uns dos motivos do despertar da sensualidade estavam nos vestidos que deixavam à mostra partes do corpo, a voz, o olhar, o sorriso e o andar com a anca a dançar. Outro fator importante na personagem é o prazer que tem de cozinhar pratos como acarajé, carne de sol assada, o arroz, feijão, doce de banana em rodinha, destacando-se aspectos da culinária ilheense. A propósito, o tempero baiano adquiriu renome na cidade de Ilhéus.

Na citação acima, percebemos que, por volta da década de 20, período no qual se passa a estória do romance *Gabriela cravo e canela*, as leis do Estado e da igreja eram bastante duras, com costumes misóginos. Nesse âmbito, a necessidade da vigilância deixava a família sem sossego a ponto de forçar a deixar quaisquer hábitos que

despertasse o desejo e que ameaçasse o equilíbrio doméstico, a segurança da sociedade, a ordem da instituição civil e eclesiástica. Segundo, a escritora Mary Del Priore, nesse contexto, a mulher era notada ou admirada a depender da quantidade de pano ou da falta dele, que significava a luxúria, sendo símbolo do perigo e da desordem cósmica, da impureza feminina e da perturbação social. Aí a sexualidade feminina precisava ser vigiada bem de perto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, tomamos como objeto de estudo os perfis femininos no romance *Gabriela, cravo e canela* (1958), cuja autoria pertence ao romancista baiano Jorge Amado. O objetivo principal deste estudo consistiu em analisar a figura feminina enquanto pertencente ao quadro de uma sociedade de traços pós-coloniais, destacando-se as personagens Gabriela, Malvina e Glória.

Observamos que o romance de Jorge Amado retrata a sociedade ilheense da década de 1920, com seus costumes, visão de mundo e cultura. Na obra amadiana, podemos perceber o quanto a mulher é moldada a fim de se encaixar nos padrões da sociedade, extremamente machista, na qual, enquanto as mulheres deveriam se dedicar plenamente ao lar, aos homens era permitido buscar diversões em bares e cabarés.

No romance amadiano, a vida das mulheres é marcada por preconceitos e imposições de valores estabelecidos pela sociedade. Podemos observar o quanto a vida das mulheres consideradas “sem família”, popularmente conhecidas por mulheres do mundo, era marcada por dificuldades, abusos, e maus tratos, vistas apenas como objeto sexual e que viviam à margem da sociedade. Enquanto isso, as mulheres que se enquadravam no *status* de “boa família” eram educadas e preparadas para assumirem o papel de mães e esposas cabendo a elas ocuparem, apenas, o espaço doméstico. Para muitas mulheres, esses atributos poderiam ser compreendidos, também, como uma maneira de torná-las escravas do lar e do marido.

As figuras femininas de Jorge Amado vêm para romper com esse papel de exclusão, mostrando-se mulheres fortes, ousadas e de grande personalidade ao lutarem

pelos direitos de igualdade, sempre buscando conhecimentos por meio da educação, mantendo-se firmes diante de uma sociedade que legitimava as normas e os valores de uma cultura marcadamente marchista.

REFERÊNCIAS:

AMADO, Fundação casa de Jorge. “Biografia” WWW. Jorgeamado.com.br/page_id=75 acessado no dia 20 de dezembro de 2017.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1988. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000137.pdf>, Acessado no dia 09/02/2018, às 21hs.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*; romance ilustrações de Di Cavalcanti, retratos do autor por Carlos Bastos e Zélia Amado, 51 ed. Rio, São Paulo, Record, Martim, 1975;

CANDIDO, Antônio. et al. A personagem de ficção – São Paulo, Perspectiva, 2007, (coleção debates; 1/ dirigida por J. Guinsburg);

DANTAS, Ibaré. Coronelismo e dominação. Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, PROEX / CE- CAC/ Programa editorial, 1987;

DACANAL, José Hildebrando. O romance de 30. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. 66p. (Revisão,7);

OLIVEIRA, Samuel Francisco Pereira de. “Perfis de identidade femininas no romance Gabriela cravo e canela de Jorge Amado: indo ale, do progresso e conflito de poder na terra de Ilhéus”, 2013.
<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/4535/PDF%20-%20SamuelFrancisco%20Pereira%20de%20Oliveira.pdf?sequence=1> acessado no dia 21/01/2018, às 21hs.

MENEZES, Jéssica Silva de. “Os perfis femininos na obra Tieta do Agreste”.
Faculdade São Luís de França

MATA, Roberto da. et al. *Jorge Amado KM 70*, revista trimestral de cultura,
1983.

PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil* (org); Carla Bassanezi
(coord. De textos). – 2ª ed- São Paulo: Contexto, 1997;

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?* O corpo no imaginário feminino/ Elódia
Xavier,- Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997;

QUEIROZ, Ana Patrícia Cavalcante – “O Patriarcalismo em Gabriela, cravo e
canela: o estilhaçar ritual ideológico radical”, 2017. [file:///C:/Users/M/Downloads/5358-
20718-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/M/Downloads/5358-20718-1-PB%20(1).pdf) acessado no dia 28/09/2017, às 09h24min;